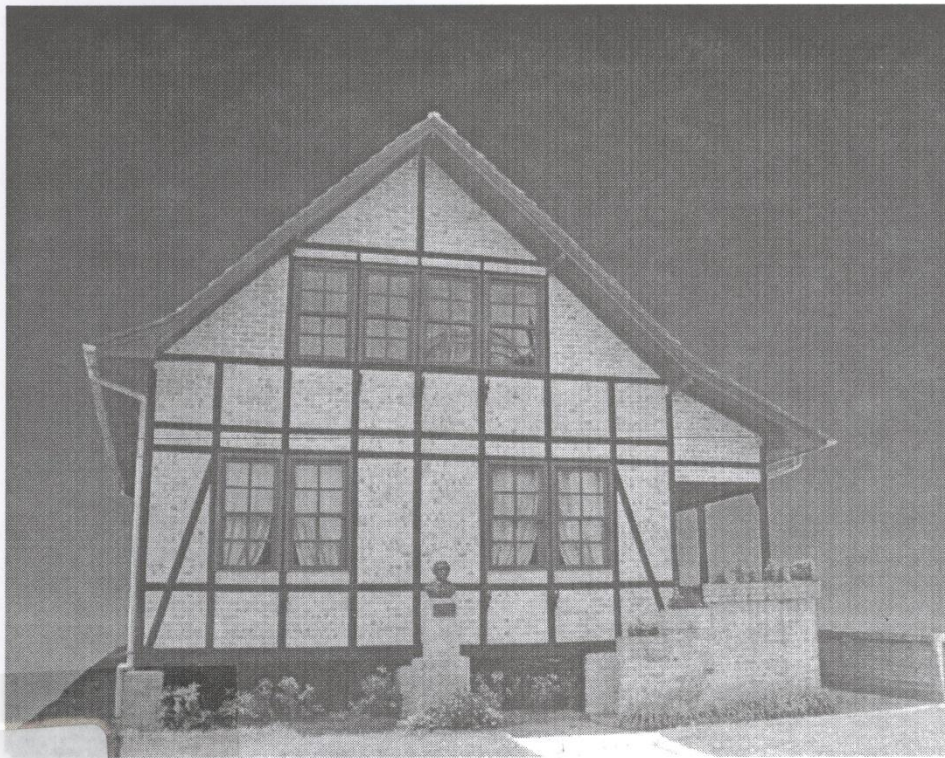


NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE

Ontem e Hoje!



76
4
n

Edição
da Sociedade
Amigos de Brusque

Ano X
Nº 56

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de agosto de 1953
Reconhecida de Utilidade Pública:
Lei Municipal nº. 73 de 9 de março de 1954
Lei Estadual nº. 1162 de 12 de novembro de 1954
Cadastrada no Ministério da Cultura sob nº. 52.001.659/87-17
CNPJ 83 721 639/0001-93

MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ MIRIM

Sede própria: Av. Otto Renaux, 285
Fone (47) 351 2132
88351-301 - Brusque - Santa Catarina

ATENDIMENTO AO PÚBLICO

TERÇAS-FEIRAS - DAS 14:00 HORAS ÀS 17:00 HORAS
QUARTAS E QUINTAS-FEIRAS - DAS 08:00 HORAS ÀS 11:00 HORAS

FONE (047) 351 2132

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Antônio Cervi
Vice-Presidente: Marcos Schlösser
1º. Tesoureiro: Juliano Cervi
2º. Tesoureiro: Hamilton Backes
1º. Secretário: Liro Schmachtenberg
2º. Secretário: Marinaldo da Silva
Diretora de Patrimônio: Maria Léa Backes

CONSELHO

- 1) Edgar F. Pastor
- 2) Maria Léa Backes
- 3) Werner Willrich
- 4) Amílcar Arnold Wehmuth
- 5) Eloi Marcílio de Souza
- 6) Paulo Renaux
- 7) Hylário Zen
- 8) Evilásio Guilherme Gevaerd
- 9) Antônio César de Souza
- 10) Nelson José Pehnck

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ" BRUSQUE

Ontem e Hoje!

Revista de cultura histórica do Vale do Itajaí-Mirim
Registrada sob nº. 02 no Livro de Registros de Pessoas Jurídicas em Brusque - SC

Fundador: AYRES GEVAERD
Pesquisador: OTTO KUCHENBECKER
Elaboração: ANTÔNIO CERVI
Paginação, Lay-out e impressão: GRÁFICA BANDEIRANTE LTDA.
Edição Quadrimestral Nº. 56 Ano X
Tiragem: 1000 exemplares
Nossa Capa: Casa enxaimel e Busto do Sr. Ayres Gevaerd

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ" BRUSQUE

Ontem e Hoje!

Ano X

Agosto 2001

Nº 56

Sumário

- 1 - Apresentação
- 2 - Os Pioneiros
- a) José Pedro Werner
- b) Franz Sallenthien
- c) Paul Kellner
- 3 - Documentos
- 4 - Família: nascimento, casamento e compadrio
- Fotos
- 5 - Carta dirigida à Casa de Brusque
- 6 - a) Ata Translado
- B) Ata Inauguração Galeria
- C) Histórico de 1999/2000
- D) Ata Solenidade 120 Anos de Emancipação
- E) Fotos diversas da FEB e Festa Junina para recordar



1089

Rev. 1.000
981.69
56 f8m
ex. 3

Apresentação

Inicialmente estaremos publicando um trabalho do escritor Dr. João Carlos Mosimann, focaliza os primeiros moradores da Colônia de Itajaí (atual município de Brusque), bem antes da chegada do Barão de Schneéburg. Sem dúvida, eles foram os precursores da criação da futura Colônia, bem como os iniciadores do desenvolvimento do nosso município. Seguem documentos da administração referente aos meses de setembro e agosto de 1869, narrando fatos da vida local na oportunidade. Em continuação queremos transcrever um pouco do folclore do escritor Walter F. Piazza, editado por ocasião do centenário de Brusque, que descreve ritos e cerimônias vividas especialmente pelos imigrantes e seus descendentes em Brusque, seguido de fotos contemporâneas. Pois após 40 anos que foi publicado sem dúvida é história para as crianças, jovens e faz que muitos ainda voltem a recordar com saudade estas passagens. Continuaremos com uma carta de um professor enviada à Casa de Brusque com agradecimentos e sugestões de melhoria na entidade. Estamos também levando aos nossos estimados colaboradores, informações sobre acontecimentos, visitas durante 1999 e 2000, doações de documentos que vieram enriquecer nosso acervo. Solenidade dos 120 anos da emancipação de Brusque e registramos o recebimento de farto material da segunda guerra mundial tais como fotografias, literatura, mapas, etc. que focalizam a participação dos praticantes brusquenses no teatro da guerra (este material foi doado à Casa de Brusque pela associação Nacional dos Veteranos da F.E.B.).

A Redação

Os pioneiros do itajaí-mirim

JOÃO CARLOS MOSIMANN

Engenheiro, escritor

Antes, muito antes da chegada do Barão de Schneeberg com as primeiras dez famílias de colonos, em 4 de agosto de 1860, as terras das margens do Itajaí-Mirim já eram habitadas por alguns brancos, verdadeiros aventureiros e desbravadores da floresta, os autênticos pioneiros que movimentavam a vida econômica da região havia quase dez anos.

Lenda ou realidade, um ermitão de cor parda parece ter sido o primeiro habitante não silvícola de Brusque e sobre o qual pouco, ou quase nada, se conhece. Pedro José Werner, em uma de suas andanças pelas terras da atual Brusque, encontrou no bosque próximo a então confluência do rio Itajaí Mirim com o Ribeirão Pomerano, proximidades da atual Praça Vicente Só, um tal de Vicente, habitante de um rancho isolado no local.

Identificado como **Vicente Ferreira de Melo**, andando a caçar, **Vicente Só** teria achado o lugar muito bonito, tendo nele construído o rancho onde passou a morar. Ali teria vivido vários anos até que premido pela idade, retornou a Coloninha, próximo a Itajaí, onde terminou seus dias, segundo depoimento de Antônio da Costa Flores (80 anos de idade) ao jornal *Novidades* em 23 de junho de 1907.

Antes da fundação de Brusque em agosto de 1860 havia na região no mínimo quatro engenhos: um de **Pedro José Werner**, um de **Franz Sallenthien** em Barra de Águas Claras em sociedade com Rheinhold Gaertner, além de outro na Limeira e um quarto de **Paul Kellner** em Pedras Grandes. Pedro José Werner e Paul Kellner podem ser considerados os verdadeiros pioneiros de Brusque, sendo Werner progenitor da primeira criança nascida no Itajaí-Mirim, sua filha Maria em 1856. Era originário da colônia de São Pedro de Alcântara e, aparentemente, o único que habitava com a família a localidade de "Vicente Só", quando da chegada dos primeiros colonos.

Kellner, Gaertner e Sallenthien eram três solteirões da Colônia Blumenau, chegados àquela colônia juntamente com seu fundador, Dr. Hermann Blumenau, em 2 de setembro de 1850. Gaertner que era sobrinho do Dr. Blumenau pelo que consta nunca habitou o Itajaí-Mirim e Sallenthien, logo após a chegada, já estava estabelecido na barra do rio (Itajaí) de onde comandava seus negócios. Os solteirões constituíam um problema para Dr. Blumenau que em carta dirigida a Júlio Baumgärtner na Alemanha enfatizava que:

"os homens solteiros aqui representam, por vezes, para mim, séria preocupação, e desejaria muito que os mais velhos, entre eles Sallenthien, Kellner e Gaertner, estivessem casados ou casassem, quanto antes"

Quando da fundação de Brusque Sallenthien já estava casado e Kellner também não tardaria muito a casar.

O envolvimento de outros trabalhadores na retirada e beneficiamento da madeira implicava na existência de, pelo menos, alguns poucos habitantes, moradores próximos das serrarias. O transporte da madeira beneficiada através de balsas pelo rio, única via de transporte, implicava, da mesma forma, no trabalho de outros serviçais. No final de 1855 havia, no mínimo, sete moradores em Pedras Grandes: Kellner e seu irmão Adolf, um belga, um suíço com sua mulher e mais dois trabalhadores contratados. A Barra de Águas Claras (engenho de Sallenthien) também comportava um pequeno núcleo habitacional. As terras do rio Itajaí-Mirim, não eram, portanto, tão inabitadas e devolutas como se poderia imaginar. Paul Kellner, ao requerer terras em 1853, só as conseguiu em Pedras Grandes, à meio caminho entre as atuais Dom Joaquim e Botuverá.

Outros proprietários de terras são igualmente citados nos documentos da época, mas não existem indicações de que estivessem estabelecidos fisicamente no Itajaí-Mirim antes da fundação de Brusque. Boa parte deles requeria as terras para mera especulação. Além dos quatro conhecidos latifundiários, havia João Carlos Read, por exemplo, com vasta área de terras na margem esquerda. Suas terras situavam-se entre o rio, as terras de Pedro José Werner junto a futura sede e a localidade de Bateias. As terras de Read que foram motivo de muita briga com a direção da colônia, demoraram a ser negociadas, constituindo a chamada Fazenda da Limeira, entre o Ribeirão do Poço Fundo (Peterstrasse) e o Ribeirão do Schleswig. O latifundiário Matheus Palm, sogro de Pedro José Werner, e seu filho mais velho, Peter Palm, oriundos também de São Pedro de Alcântara, eram donos de terras também em Pedras Grandes, à margem direita do Itajaí Mirim, embora não habitassem no local. Outros proprietários, a maioria de Itajaí e de sobrenome luso, detinham a posse de áreas menores às margens do rio na direção do litoral.

O casal Johann Peter Werner e Ana (Geise de nascimento) chegou a capital da Província (Desterro) pelo brigue “Marquez de Vianna”, no final de 1828, juntamente com sete filhos, sendo encaminhados em maio de 1829 a Colônia de São Pedro de Alcântara. **PETER JOSEF WERNER** (Pedro José) era o quinto dos sete filhos e nascido na Alemanha em 20 de janeiro de 1822. Tinha seis anos de idade quando da chegada e na recém criada colônia de São Pedro desenvolveu sua infância e adolescência. Em 29 de dezembro de 1854 casou-se com Catharina Palm, filha mais nova de Matheus Palm e Maria Philippi, nascida em 7 de fevereiro de 1830 em São Pedro. Seus pais, também lavradores alemães, haviam chegado em 7 de novembro de 1828 e estabelecidos em São Pedro de Alcântara em abril de 1829.

Aventureiro e empreendedor, Pedro José Werner decidiu estabelecer-se, com a mulher, nas margens do Rio Itajaí Mirim, onde construiu

engenhos de farinha, serraria e olaria, certamente auxiliado por ajudantes contratados. Na região o casal teve seus três filhos: Maria, Nicolau e Pedro Werner Filho.

O encontro de Pedro Werner com Vicente Só

Ao chegarem as dez primeiras famílias colonizadoras de Brusque, escoltadas pelo Barão de Schneeberg, foram recepcionados por Pedro Werner que em Vicente Só possuía casa e em cujo engenho ficaram alojados. Latifundiário com terras em ambas as margens do rio, sua maior gleba abrangia a margem direita, indo do atual Jardim Maluche até o ribeirão da Limeira (Santa Terezinha) numa faixa de terras de mais de cinco quilômetros de largura. Em 1863 expande ainda mais suas propriedades adquirindo área pertencente a Salenthien, então estabelecido na barra do rio em Itajaí.

As terras da margem esquerda, encravadas na sede da Colônia, eram de menor dimensão e constituíam uma faixa de cerca de quinhentos metros de largura, indo até o início da rua São Pedro. As várias tentativas de compra das terras por parte do governo foram sempre repelidas por Pedro Werner que preferia vendê-las a particulares. Uma idéia de quão desabitada era aquela área ainda no final do século XIX: da casa de Leopoldo Imhof, no início do Peterstrasse, até a sede da colônia, havia apenas um morador, Moritz Lehmann, chegado em 1896 como professor da Escola Evangélica. Morava à cem metros do local do atual Tiro de Guerra na Rua Felipe Schmidt. Diante das negativas de venda por parte dos latifundiários, os italianos chegados em massa, a partir de 1875, foram direcionados para áreas mais afastadas e montanhosas e para Porto Franco (Botuverá) e Nova Trento.

No início do século XX os herdeiros de Pedro Werner ainda detinham praticamente toda a área da margem direita que acabou sendo dividida em lotes maiores, constituindo grandes fazendas (Hoffmann e Maluche) ou grandes loteamentos. Os herdeiros mantiveram também, durante muito tempo, a área encravada na sede da colônia, na margem esquerda do rio. Estas acabaram divididas por João Olinger, casado com uma Maluche, somente nos anos 1920. Foram vendidas através de grandes lotes frente para a atual Rua Felipe Schmidt (famílias Neitsch, Erbe, Münch, Tiro de Guerra, Stark etc.) e posteriormente em loteamentos no atual bairro São Luís. Este constituiu um dos fatores do atraso no desenvolvimento urbano da cidade.

A margem direita do Itajaí Mirim seria urbanizada somente a partir da segunda metade do século XX, sendo que o Jardim Maluche nos anos 1960 e a parte urbana da Fazenda Hoffmann, entre a rodovia Antonio Heil e o rio, somente a partir dos anos 1980, numa iniciativa da municipalidade. Felizmente continuam preservados até hoje mais de cinco milhões de m² de áreas verdes que pertenceram, inicialmente a Sallenthien, e depois a Pedro

José Werner, entre a referida rodovia e o bairro do Poço Fundo.

Pedro José Werner acabou falecendo em 10 de janeiro de 1882, aos sessenta anos e encontra-se sepultado no cemitério municipal de Brusque.

MARIA WERNER, a primeira filha do casal Pedro José Werner e Catharina Palm, era nascida no Itajaí Mirim em 1856, o primeiro nascimento cristão da Colônia ainda não fundada. Casou-se em Brusque com ANTON MALUCHE, com quem teve quatro filhos: AUGUSTO MALUCHE, ANTONIO NICOLAU MALUCHE, JOSÉ MALUCHE E CATARINA MALUCHE.

NICOLAU WERNER, o segundo filho, era nascido na barra do rio, em Itajaí, em 1857. Casou-se em Brusque em 15 de janeiro de 1880 com MAGDALENA IMHOF, nascida em 5 de março de 1862, filha de Franz Xaver Imhof e Regina Schmidt, irmã de Leopoldo Imhof, com quem teve os filhos: MARIA CATHARINA WERNER, nascida em 29.VIII.1881; PEDRO JOSÉ WERNER, nascido em 6.11.1886 e casado com Rosalina Steffen em 20.I.1912; NICOLAU WERNER, nascido em 28.X.1890 e CATHARINA REGINA WERNER, nascida em 22.XI.1892. A família de Nicolau Werner morou algum tempo em Brusque, com casa localizada nas terras que viriam a constituir a Fazenda Hoffmann (atual Parque de Exposições). Após a morte do pioneiro Pedro José Werner a família transferiu-se para Bom Retiro, onde Nicolau passou a ser fazendeiro. Magdalena, a esposa, faleceu em 24.VIII.1894 com apenas 32 anos de idade.

PEDRO WERNER FILHO, o filho mais novo que nascera em 1862, casou em Brusque em 24 de julho de 1883, aos 21 anos de idade, com MARIA WESTARB, de 20 anos, filha de Christof Westarb e de Anna Maria Pietsch, com quem teve os filhos: CATARINA nascida em 1885; MARIA nascida em 1887 e casada com João Magdalena Sobrinho; PEDRO nascido em 1888; HELENA nascida em 1890, casada com Teodoro Barenthim; ANA nascida em 1891, casada com Cirino Lé e ROSELINA nascida em 1893 e casada com Carlos André Schumacher. Pedro Werner Filho casou-se em segundas núpcias, em Brusque, com ELISABETH WESTARB em 25 de agosto de 1894 com quem teve os filhos: AUGUSTO FREDERICO nascido em 1897 casado com Elsetride Rudolph; CARLOS nascido em 1898 e casado com Amélia Schmitt; ELISABETH nascida em 1899 e casada com Max Beims; ALICE nascida em 1901 e casada com Carlos Largura; CÂNDIDA ADELAIDE nascida em 1902 e casada com Luís Vieira Paim; JOSÉ nascido em 1905; OLGA nascida em 1906; ANTONIO AFONSO nascido em 1908 e casado com Teresa Greipel; OSVALDO nascido em 1909; LEOPOLDO nascido em 1911; BRUNO nascido em 1913; ALBERTO nascido em 1913 e ALBERTO nascido em 1915. Dezenove filhos em dois casamentos. No final do século XIX, juntamente com o cunhado Anton Maluche, adquiriu vasta área de terras em Lages, no lugar chamado Chapada, distrito de Índios, onde passaram a explorar uma serraria e pecuária de corte. A Fazenda da

Chapada, ainda existente, situa-se à beira da antiga estrada para Florianópolis, entre a localidade de Índios e Lages, à 8 Km do centro desta. Pedro Werner Filho faleceu naquela localidade em 8 de agosto de 1923.

Chegado a Colônia Blumenau em 2 de setembro de 1850, entre os dezessete primeiros imigrantes daquela colônia, **FRANZ SALLENTHIEN**, com apenas 23 anos, era nascido no Ducado de Braunschweig, na Alemanha, em 12 de agosto de 1827 filho de pastor protestante. Estudou agronomia e ocupou o cargo de inspetor do domínio de Heinrichsberg. Ao conhecer os planos do Dr. Blumenau, também oriundo de Braunschweig, decidiu inscrever-se entre os colonos da primeira leva, embarcando em 8 de julho de 1850 no veleiro “Emma Luise” com destino ao Brasil.

Os vinte ou trinta hectares destinados a cada colono pareceram pouco para Sallenthien que, já em 1852, tratou de requerer uma gleba de terras em Águas Claras onde construiu uma serraria. Entenda-se por Barra de Águas Claras o local da confluência do ribeirão Águas Claras com o Itajaí-Mirim, mas a gleba abrangia as terras que compreendem hoje o território de Águas Claras até Santa Luzia, Cedrinho, São Sebastião e Tomás Coelho. Em 1853 construiria outra serraria às margens do Itajaí Mirim, desta vez próximo ao local habitado por Vicente Só.

Sem abandonar a atividade madeireira, exercia a tarefa de recepção aos novos colonos em Itajaí, serviço que implicava em recepcioná-los, desembaraça-los e encaminhá-los à Colônia Blumenau. Ali, na barra do rio, mantinha também um estabelecimento comercial.

Casou-se em 13 de março de 1855 com Joanna Osterland, chegada na terceira leva de imigrantes de Blumenau, passando a residir na colônia Blumenau na casa que pertencera a Fernando Hackradt, transferido então para a Capital da Província. Quando da fundação da Colônia Ithajay (Brusque) algum acerto havia com Pedro José Werner que explorava na ocasião um engenho de farinha em suas terras. Ali seriam recepcionados por Werner os primeiros colonos chegados em 1860. Sallenthien, como pode-se observar, constituía-se num latifundiário de visão, talvez o primeiro das terras da futura Colônia. Em 1863 venderia parte de sua gleba ao próprio Pedro José Werner. As terras correspondiam a uma faixa de 750 braças de largura por 3.000 braças de profundidade, totalizando mais de dez milhões de m², metade dos quais preservados até hoje como reserva florestal (Família Hoffmann).

O casal FRANZ SALLENTHIEN E JOANNA OSTERLAND teve nove filhos, sendo seis na Barra do Rio, um a bordo de um veleiro e dois na antiga Desterro: LOUISE WILHELMINE SALLENTHIEN, nascida em 11.XII.1855 que casaria em Brunswick com Otto Drewes, pastor protestante. Falecida na década de trinta, deixou três filhos; FRANZ MAX REINHOLD SALLENTHIEN, nascido na Barra do Rio em 9.VI.1857,

casado em Brunswick com Adeline Bertha Hedwig Auguste Stephany com quem teve dois filhos; PAUL SALLENTHIEN, nascido na Barra do Rio em 30.X.1858 e falecido em janeiro do ano seguinte; REINHOLD PAUL LUDWIG SALLENTHIEN, nascido na Barra do Rio em 12.XII.1859, casado em Brunswick com Julie Adelheid Stephany com quem teve uma filha; MINNA JOANNA AUGUSTE SALLENTHIEN, nasceu a bordo de um veleiro em 5.XII.1861. Faleceu solteira em 16 de janeiro de 1820 na Alemanha; KARL SALLENTHIEN, nascido na Barra do Rio em 13.II.1864 acabou falecendo um ano depois e LUDWIG SALLENTHIEN, nascido na Barra do Rio em janeiro de 1865, faleceu com poucos dias de idade.

Em 1866 Sallenthien transferiu-se para Desterro onde estabeleceu-se com comércio atacadista de gêneros alimentícios e onde nasceriam mais duas filhas MARIA MADALENA , em 22 de julho de 1866 (falecida na Alemanha com 17 anos de idade) e JENNY EMÍLIA, nascida em 20 de março de 1870 e falecida na Alemanha com seis anos de idade. Naquele mesmo ano de 1866 vendeu o restante de suas terras para a direção da colônia. No final de 1868 levou para serem educados na Alemanha seus filhos mais velhos Louise, Franz e Rheinhold, retornando no começo de 1869 ao Brasil para, pouco tempo depois, transferir-se definitivamente para a Alemanha com o resto da família.

Franz Sallenthien viria a falecer em 23 de março de 1907 em sua terra natal, Braunschweig. Seu filho FRANZ MAX RHEINHOLD SALLENTHIEN, fiel à tradição do pai, regressou ao Brasil, estabelecendo-se em São Paulo como comerciante, onde faleceu em 1940, deixando vários descendentes em terras brasileiras.

JOHANN PAUL KELLNER, da mesma forma que Sallenthien, chegou a Colônia Blumenau em 2 de setembro de 1850, entre os dezessete primeiros imigrantes daquela colônia. Era solteiro e tinha também 23 anos quando da chegada. Era nascido a 19 de fevereiro de 1827 no Ducado de Braunschweig, em Düwesdorf perto de Braunschweig, segundo alguns, ou em Barbecke segundo seus descendentes. Assim como no caso de Sallenthien, a pequena propriedade destinada aos colonos não satisfazia suas ambições e seu espírito empreendedor. Kellner tratou logo de requerer terras no Itajaí-Mirim e de chamar seu irmão ADOLF KELLNER da Alemanha para ajudá-lo. Conseguiu em 1853 uma gleba acima da confluência do ribeirão Pedras Grandes com o rio Itajaí-Mirim, cerca de 10 Km rio acima de Vicente Só, atual localidade de Pedras Grandes.

Na carta em que convocava o irmão, em setembro de 1852, aconselhava a trazer "meia dúzia de camisas de algodão mais finas e outras mais grosseiras e calças de brim azulado, um par de botas de couro de bezerro e três ou quatro pares de sapatos de marinheiro ... assim como roupa de dormir, comprida e quente. Mas traz um relógio de parede, pequeno e barato e também dois violinos e as respectivas cordas ... quando chegares ali

(Desterro) dirige-te ao Cônsul da Rússia, senhor von Trompowsky ou ao senhor Eberle."

Em Pedras Grandes montou, com a ajuda do irmão e de trabalhadores contratados, uma casa, um açude e um engenho de serra. A conquista da floresta, longe de tudo e de todos, assumiu, no entanto, um caráter dramático e trágico que é relatado pelo Dr. Fritz Mueller em carta de 12 de maio de 1856 dirigida à Alemanha. No dia 9 de novembro de 1855 Paul Kellner e dois ajudantes, um belga e um suíço, estavam trabalhando na construção do açude para seu engenho de serra. Após o meio dia o belga avistou e gritou, em alemão naturalmente: "Olha os bugres!". Ao virar-se Kellner viu em uma elevação, à curta distância, cerca de oito indivíduos nus preparando seus arcos de flecha. Kellner, de grande estatura e forte compleição física, avançou na direção dos bugres ameaçando-os com a pá. Um dos bugres disparou uma flecha em direção ao peito de Kellner que atravessou-lhe o braço direito. Quase em seguida o belga e o suíço eram varados e tombados por flechas.

Ao correr em direção a casa, a cerca de oitenta passos, Kellner foi atingido nas costas por uma segunda flecha. Gritou então para a mulher do suíço trazer-lhe a espingarda, não sendo atendido à tempo pela mulher apavorada. O próprio Kellner, com duas flechas no corpo, apanha a espingarda e consegue dar uma meia dúzia de tiros em direção aos bugres que desaparecem. O suíço, atingido no coração, morre instantaneamente. O belga, o mais forte dos três, havia sido atingido por duas flechas que entrando pelas costas cravaram-se no interior do peito. Kellner e a mulher do suíço conseguiram colocá-lo na canoa, sendo que Kellner, com grande dificuldade, começou a remar em direção a confluência do ribeirão Águas Claras, alguns quilômetros rio abaixo, onde ficava o engenho de Sallenthien.

Após um quarto de hora de grande sofrimento surgiram, providencialmente, seu irmão e mais dois homens que haviam descido a Barra do Rio em busca de mantimentos. Conseguiram levá-los a Águas Claras onde foi retirada a flecha das costas de Kellner, sacada por três homens que tiveram que quebrar-lhe uma costela para poder retirá-la. As flechas tinham pontas de ferro. O belga, não resistindo, morreu naquela mesma noite. No dia seguinte Kellner foi transportado para a Barra do Rio onde seria assistido pelo Dr. Blumenau e pelo Dr. Fritz Mueller dias depois, chamados especialmente para atendê-lo.

Ao contrário da lenda de que Kellner teria morrido no episódio, ele conseguiu recuperar-se e no início de 1856 retomava a construção de seu engenho de serra e ali trabalharia durante mais trinta anos. O alemão Heinrich Pöpper ao relatar suas memórias sobre os tempos da colonização, aos 81 anos de idade, confirmava a lenda:

"O proprietário de uma serraria localizada nas proximidades,

chamava-se Paul Kellner e havia imigrado um ano antes de nós. (?) Era originário de Düwesdorf perto de Braunschweig. Durante um assalto feito por índios acabou perdendo a vida. Ele estava trabalhando com diversas outras pessoas na beira do rio, quando de súbito a água começou a ficar turva. Os homens primeiro pensaram que teriam sido porcos do mato que haviam atravessado o rio mais acima. Um deles falou: 'também poderiam ser bugres'. Mal ele acabara de falar, já começavam a voar as flechas. Vários brancos foram mortos. Paul Kellner levou uma flecha nas costas, a qual não podia ser retirada porque tinha contra-gancho. A flecha teve de ser cortada fora em Brusque."

Os moradores de Águas Claras ao subiram o rio até o local do assalto constataram o estrago: as caixas e malas haviam sido arrombadas; armas, ferramentas e roupas haviam desaparecido. A farinha fora espalhada e os sacos vazios roubados. O relógio da parede fora atirado ao chão e marcava seis e meia, provável hora do retorno dos índios ao local. Um garrafão de cachaça e o violino trazido da Alemanha estavam intactos. O cachorro desaparecera, provavelmente comido pelos bugres e o corpo do suíço estava despojado de suas vestes.

Kellner acabou sendo indenizado pelo presidente da Província em 500 mil réis. Em 1861, depois de quase seis anos de intenso trabalho e de amealhar algumas economias com a venda da madeira, Paul Kellner deixou a serraria aos cuidados do irmão Adolf e embarcou para a Alemanha à cata de uma esposa. Na Alemanha casou-se em 17 de outubro daquele mesmo ano com Ottilie Ohlendorff, nascida em 13 de julho de 1840 em Moeckern, e dez dias depois já embarcavam para o Brasil. Em 17 de maio de 1862 o casal inaugurava uma nova moradia recém construída em Pedras Grandes.

Os filhos do casal Paul Kellner e Ottilie Ohlendorff nasceram todos em Pedras Grandes e foram batizados na Comunidade Evangélica de Brusque: BERTHOLD ADOLF KELLNER nasceu em 25.VI.1863 e casou-se com Júlia Kunerad com quem teve uma filha; MARIA CLARA HERMINE KELLNER nascida em 24.X.1864, casou-se com Otto Dreher com um filho adotivo; RUDOLF OTTO KELLNER nascido em 08.II.1866 foi casado três vezes com Maria de Tal, Erna Fischer e Blandina Seiszt com as quais teve dez filhos; OSCAR EDUARD KELLNER nascido em 27.IX.1868 e casado com Dorothea de Tal com quem teve nove filhos; ELISE ROSA MATHILDE KELLNER nascida em 25.VII.1871 e casada com João Marques da Costa com quem teve quatro filhos; HEINRICH ERNST KELLNER nascido em 17.VII.1872 e casado com Agnez Didier com um filho; WILHELM ROBERT KELLNER nascido em 22.VI.1873 e casado com Anna Schumann Gomes com quem teve sete filhos; ANNA OTTILIE KELLNER nascida em 29.IX.1874, falecida aos cinco meses de idade e PAUL AUGUST HERMANN KELLNER nascido em 21.VI.1877, casado com Hilda Kassel sem filhos.

Todos os filhos de Paul Kellner viveram, adultos, em São Paulo, onde faleceram e foram sepultados.

Aos sessenta anos de idade, em 1887, depois de mais de trinta anos de atividades pioneiras em Brusque, Kellner decidiu retirar-se para Itajaí, onde passou a explorar o Hotel do Comércio. Na virada do século XX já morava em São Paulo com a família. Ali morreu sua esposa Ottilie em 22 de fevereiro de 1906, aos 66 anos, sendo sepultada no cemitério evangélico da Consolação. No ano seguinte, a 21 de novembro de 1907, morria Paul Kellner, aos oitenta anos, sendo sepultado junto a esposa.

ADOLF KELLNER, o irmão vindo da Alemanha, era nascido em 16 de janeiro de 1837 na mesma cidade de Barbecke, dez anos mais novo que Paul, chegando ao Itajaí Mirim em 1853 (ou 1854 ?) com apenas 16 ou 17 anos. Em 1872, com quase vinte anos de Brasil, adquiria o lote nº 10 de Vargem Grande (Alto Pedras Grandes), pouco acima da madeireira do irmão, na margem esquerda do Itajaí-Mirim, com 98.000 m². As terras seriam vendidas em 1883 para a família Graf que já possuía as duas áreas contíguas, os lotes 9 e 11, e que se mantém lá até hoje. Adolf Kellner permaneceu em Brusque após a retirada do irmão Paul, mantendo-se solteiro até o fim da vida, em 28 de maio de 1923, aos 86 anos, sem deixar descendentes. Está sepultado no cemitério evangélico de Brusque.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MATTOS, Jacinto Antônio. Colonização do Estado de Santa Catarina.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Brusque - Edição S.A.B., 1958 - Pg. 7, 61.
- SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE (S.A.B.). "Notícias de Vicente Só" nº. 44 e 51
- FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU. "Blumenau em cadernos" - Tomo V (Fev. 1962)-Pg. 34; Tomo VI (Nº 4)-Pg. 3; Tomo X (Abr. 1969)-Pg. 76; Tomo XI (mai 1970)-Pg. 81; (jun 1970) - Pg.107; (ago 1970)-Pg.154; (out 1970)-Pg.191
- COMUNIDADE EVANGÉLICA DE BRUSQUE - Livros de óbitos

Tudo se passa de 1887 a 1890, quando o Brasil viveu um período de grande efervescência política e social. A Revolução de 1889, que depôs o Império, trouxe consigo uma série de mudanças, entre elas a extinção da escravidão e a proclamação da República. Nesse contexto, muitos intelectuais e artistas buscavam novas formas de expressão e de organização social. A literatura e a arte passaram a refletir essas transformações, com o surgimento de movimentos como o Parnasianismo e o Simbolismo. A literatura de ficção também se desenvolveu, com o surgimento de autores como Machado de Assis e Aluísio Azevedo. A arte, por sua vez, viu o surgimento de movimentos como o Modernismo e o Simbolismo. A música também se desenvolveu, com o surgimento de compositores como Villa-Lobos e Heitor Villa-Lobos.



Pedro José Werner descendo do barco

Documentos Históricos

Nº 43. Ditectoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 2 de Agosto de 1869

Illmo. E Exmo. Senr.

Tive a honra de submetter á V^a. Excia. Dois orçamentos, calculados para as despesas á fazer com esta Colonia no presente Timestre de Julho á setembro, um com officio nº: 38 de primeiro de julho no importe de R\$ 10:725\$000, o outro officio Nº:41 de 18 de juho no de R\$ 5:054\$000. De novamente tomo-me a liberdade de pedir á V^a. Excia. Que Se Digne de mandar consignar na Thesouraria da Provincia, pagavel ao parocurador da Colonia em Desterro, Snr. Fernando Hackradt, o importe dos ditos dois orçamentos, para que eu em tempo conveniente possa efectuar os respectivos pagamentos; tanto os do primeiro, como do segundo, que he calculado para as despesas á fazer com os colonos ultimamente chegados, os quaes, tem grande precisão de algum auxilio para poder começar a trabalhar em seus lotes, de que já tomarão posse.

De novamente, como já o fiz por repetidas vezes tomo-me a liberdade de participar á V^a. Excia. Que he uma necessidade indispensavel que eu receba no começo de cada Trimestre as quantias orçadas para as urgentes despesas, sendo este o único meio de poder prestar em tempo conveniente as respectivas contas; o que no ultimo tempo não era possivel por ter recebido os trimestraes em pequenas quotas e só no fim do trimestre. Com serviços de caminhos, pontes, derrubadas e todos os mais serviços publicos da Colonia gasta-se a quantia de cerca 2.8 contos de reis por anno. Para poder continuar com os serviços e fazer os pagamentos devidos he indispensavel a pronta consignação em principio do Trimestre dos referidos e futuros orçamentos; este será o único meio de impedir uma penuria, a consequencia inevitavel de cinco innundações que aqui tinham lugar no decurso de poucos mezes.

Já agora os mantimentos mais usuaes custão o dobro e continua sempre á subir o preço. A Colonia Principe Dom Pedro, em mao estado e com tão poucos habitantes sempre há bastante dinheiro e seria uma lastima, se esta colonia florescente com quase dois mil habitantes cair em decadencia.

Deos guarde á V^a. Excia.

Illmo. E Exmo. Senr.

Dr. Carlos Augusto Ferraz de Abreu

Digmo. Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director

Nº 44. Ditectoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 3de Agosto de 1869

Illmo. E Exmo. Senr.

Cumprindo o desejo que me dirijo o Capallão dessa Colonia, tomo-me a liberdade de pedir á V^a. Excia. que Se Digne de dar as necessarias ordens, para que em breve sejam feitos os reparos da Capella Catholica da Colonia, constanto que o Engenheiro Galvão que se acha incumbido dessa obra, esta impellido de faze-lo já, e de mandar encarregar, se assim por bem julgar, o agrimensor d'aqui ou qualquer outra pessoa habilitada de effectuar este serviço em tempo breve.

Deos guarde á V^a. Excia.

Illmo. E Exmo. Senr.

Dr. Carlos Augusto Ferraz de Abreu

Digmo. Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director

Nº 45. Ditectoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 5 de Agosto de 1869

Illmo. E Exmo. Senr.

Sobre o requirimento incluso de Carlos Maschner, ex-agrimensor dessa Colonia, que V^a. Excia. me dirijo para informar, tenho á dizer, que o mesmo por mim foi suspendido em 18 de Abril e entendo que, sendo esta suspensão por V^a. Excia. sancionada pela demissão dada ao mesmo agrimensor, lhe competem sômente os vencimentos de 18 dias do mez de Abril, sendo pagos os vencimentos até ultimo de Março. Não obstante isso devo deixar á determinação de V^a. Excia., se por justo julgar de mandar pagar-lhe os vencimentos até 4 de Junho, data em que remeti ao ex-agrimensor a copia do acto de sua demissão, por V^a. Excia. á mim dirigido em 25 de Maio do corrente.

Em todo caso julgo por conveniente que elle receba os vencimentos só depois de ter integrado o mappa da Colonia etc., que ainda tem de integrar á esta Directoria.

Deos guarde á V^a. Excia.

Illmo. E Exmo. Senr.

Dr. Carlos Augusto Ferraz de Abreu

Digmo. Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director

Nº 46. Ditectoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 5 de Agosto de 1869

Illmo. E Exmo. Senr.

Achando-se dentro dos limites da Colonia diversos terrenos particulares, e sendo necessario que os proprietarios destes terrenos em casos de precisão apresentão os repstivos titulos d'aquellas antigas concessões, tomo-me a liberdade de pedir á V^a. Excia., que Se Digne de munir-se ou outra pessoa d'aqui com o poder de Juiz Comissario para poder em taes casos especiaes exigir a apresentação dos titulos, para prevenir inconvenientes como aqui já tinhão lugar. O Juiz Comissario ad hoc, nomeado para esta Colonia e Blumenau, o qual até hoje ainda não veio aqui e cuja vinda já espero há muito tempo, se acha em Blumenau e talvez demora lá mais tempo.

Deos guarde á V^a. Excia.

Illmo. E Exmo. Senr.

Dr. Carlos Augusto Ferraz de Abreu

Digmo. Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director

Nº 47. Ditectoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 6 de Agosto de 1869

Illmo. E Exmo. Senr.

O Dr. Hutton, medico desta Colonia entregou me o requerimento incluso para dirigil-o, por mim informado, ao Exmo. Snr. Presidente da Provincia.

Affirmo tudo que elle expuz neste requerimento e julgo por justo que o dito medico receba ou um augmento de ordenado ou uma cavalgadura, sendo o serviço medico que elle tem de prestar muito penoso e necessita em bom estado pelo menos.

Se V^a. Excia. queira submetter o dito pedido ao Governo Imperial peço respeituosamente, que Se Digne de informal-o favoravelmente.

Deos guarde á V^a. Excia.

Illmo. E Exmo. Senr.

Dr. Carlos Augusto Ferraz de Abreu

Digmo. Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director

Nº 48. Ditectoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 10 de Agosto de 1869

Illmo. E Exmo. Senr.

Tenho a honra de submetter a V^a. Excia. qui junto 3 titulos definitivos pedindo, que Se Digne de assinal-os e de mandar devovel-os para aqui, sendo pago á caixa da Colonia o respectivo importe das terras.

Deos guarde á V^a. Excia.

Illmo. E Exmo. Senr.

Dr. Carlos Augusto Ferraz de Abreu

Digmo. Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director

Nº 49. Ditectoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 19 de Agosto de 1869

Illmo. E Exmo. Senr.

Tenho a honra de apresentar a V^a. Excia. as contas inclusas da receita e despeza desta Colonia no Trimestre de Abril á Junho do corrente anno.

Deos guarde á V^a. Excia.

Illmo. E Exmo. Senr.

Dr. Carlos Augusto Ferraz de Abreu

Digmo. Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director

Nº 51. Ditectoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 8 de Setembro de 1869

Illmo. E Exmo. Senr.

Tenho a honra de submetter a V^a. Excia. o orçamento incluso para as despesas com esta Colonia no Trimestre proximo futuro de Outubro à Dezembro e peço respeituosamente à V^a. Excia. que Se Digne de mandar consignar na Thesouraria da Provincia, pagavel ao procurador da Colonia em Desterro, o Snr. Fenrnando Hackradt a quantia de R#16:340\$000 especificada no dito orçamento.

Deos guarde à V^a. Excia.

Illmo. E Exmo. Senr.

Dr. Carlos Augusto Ferraz de Abreu

Digmo. Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director

Nº 52. Ditectoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 10 de Setembro de 1869

Illmo. E Exmo. Senr.

O Agrimensor da Colonia Carlos Marschner, despresando as ordens desta Presidencia até agora não entregou o mappa geral da Colonia feito por elle. Duante o tempo que esteve no mencionado emprego nem tão pouco os utencilios pertencentes a esta Directoria.

No mesmo tempo apresento à V^a. Excia. o livro dos tombos como o mappa da sêde Colonia para provar com que arbitrariamente tratava dos documentos tão importantes tanto para a Directoria como para os colonos. A Directoria ignorava estes factos por não obstante ter exigido por muitas vezes nunca obter este livro e mappa das mãos do dito agrimensor, motivo este por que elle recebeu a sua demissão.

Peço pois que V^a. Excia. queira annullas as injustiças por isso ocasionadas.

Deos guarde à V^a. Excia.

Illmo. E Exmo. Senr.

Coronel Joaquim Xavier Neves

Digmo. Vice-Presidente da Provincia de Sta. Catharina

Nº 53. Ditectoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 10 de Setembro de 1869

Illmo. E Exmo. Senr.

Sobre o requerimento incluso de João Feuber, á mim entregado para dirigil-o á V^a. Excia. tenho á dizer que he exacto o que elle expuz á respeito da esterilidade do terreno requerido, que se acha dentro dos limites da Colonia e contém uma área de 106875 braças |_|. Por tanto julgo conveniente, que V^a. Excia. ettenda o pedido sobre o pagamento de 2 reais por cada braça |_|.

Deos guarde á V^a. Excia.

Illmo. E Exmo. Senr.

Coronel Joaquim Xavier Neves

Digmo. Vice-Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director

Nº 53^a. Ditectoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 24 de Setembro de 1869

Illmo. E Exmo. Senr.

Tornando-se o terreno para construir cazas na sêde da Colonia cada vez mais raros, por estarem os lotes urbanos que ainda restão desocupados sujeitos á enchentes, e julgando que na Colonia ainda existem terrenos devolutos, de que alguns moradores sem a isto terem direito tomarão posse, peço V^a. Excia. haza por bem de dar os direitos de Juiz Commissario para o Districto d'esta Colonia ou a mim ou ao Agrimensor desta Colonia, para poder tomar conhecimento dos respectivos títulos das terras pertencentes a esta Colonia, Tanto mais por que o Juiz Commissario destinado para estes trabalhos não obstante de ser frequentemente rogado até agora não se importou com isso.

Deos guarde á V^a. Excia.

Illmo. E Exmo. Senr.

Coronel Joaquim Xavier Neves

Digmo. Vice-Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director

Nº 54. Ditectoria da Colonia Itajahy-Brusque, em 6 de Outubro de 1869

Illmo. E Exmo. Senr.

Em data de 8 de Setembro do corrente ano junto ao officio Nº 51, tive a honra de submetter á V^a. Excia. o orçamento para as despesas á fazer com esta Colonia no presente Trimestre de Outubro á Dezembro.

Paguei ao Agrimensor da Colonia a quantia de R\$2:249\$940 pelo serviço por elle feito no trimestre passado; peço por tanto á V^a. Excia. que Se Digne de mandar consignar esta quantia com a de R\$ 16:340\$000 especificada no dito orçamento; o total de R\$ 18:589\$940, na Thesouraria da Provincia, pagavel ao procurador da Colonia em Desterro, Snr, Fernando Hackradt, afim de que posso em tempo conveniente efectuar os devidos pagamentos.

Deos guarde á V^a. Excia.

Illmo. E Exmo. Senr.

Coronel Joaquim Xavier Neves

Digmo. Vice-Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director



Quase todos os convidados, inclusive o noivo estava usando
uniforme integralista

Casamento e Pedro J. Werner

CAPÍTULO IV

FAMÍLIA: NASCIMENTO, CASAMENTO E COMPADRÍO

O ciclo social na comunidade brusquense, imperfeitamente, sintetizamos no que se vai ler.

O nascimento de um novo ser, como em todas as comunidades cristãs, representa um elo de vida, novo, na corrente familiar.

Para a verdadeira e cristã introdução dêste ser no seio da comunidade são preparadas as festas de batizado, onde, geralmente, são oferecidos jantares aos convidados.

Os batizados são efetivados algumas semanas após o nascimento da criança e são escolhidos, para padrinho, parentes, amigos da família ou pessoas de projeção local, escolhidos, de comum acôrdo, pelos pais da criança.

Na Igreja Luterana os batizados são levados a efeito em domingo, quando os pais e padrinhos levam o batizando ao altar, onde o pastor, feitas as perguntas de praxe, batiza-a.

No processo evolutivo social-religioso da criança brusquense seguem-se as festas da 1.ª comunhão e da crisma, para as católicas, e a confirmação evangélica, que equivale à crisma associada à comunhão.

A 1.ª comunhão é um dia de grande gala para a criança brusquense e representa, para a sua família, um ato de grande repercussão social.

Senão, vejamos.

As meninas são trajadas com longos vestidos brancos e véus, os meninos, com ternos azul-escuro (geralmente azul-marinho), de calças compridas.

Após a comunhão realizam-se, nas casas dos neo-comunhantes, substanciosas e lautas mesas de doces e café, e, em algumas, ao meio-dia, para os parentes, tem lugar verdadeiro banquete.

Já a crisma é festejada com mais recato e na maior intimidade.

Agora, vejamos como decorre a confirmação evangélica.

Dá-se aos quatorze anos, Os jovens são preparados durante nove meses e na data apropriada são inquiridos, pelo pastor, se deseja permanecer na sua fé, e respondendo afirmativamente são "confirmados", recebendo, então, a 1.ª comunhão.

Nesta ocasião, as jovens estão de branco, vestidos curtos, e os jovens de azul.

Precedidos por banda de música, saem da casa do Pastor e entram na Igreja, ornamentada, onde todos os circunstantes os esperam de pé.

A esta solenidade talvez de maior brilhantismo na liturgia luterana, segundo expressão de ilustre membro da Comunidade Evangélica Brasileira comparecem todos os parentes e amigos dos "confirmados".

Com relação ao casamento, na comunidade, na comunidade brusquense, vejamos o que disse eminente Prelado (1), que conviveu por muitos anos com aquela população: "Em Brusque, praticamente não se concebe que um homem e uma mulher façam aliança, para constituir um lar sem ser perante o ministro da religião. Os princípios cristãos norteiam a vida do brusquense. São ensinamentos que passam de geração em geração e são mantidos acessos na alma pela pregação dos sacerdotes católicos e dos pastores evangélicos".

Mas, antes do casamento há o "pedido".

"O pedido de casamento" quem o faz é o noivo, diretamente ao pai da noiva, o qual, de acôrdo com a sua esposa responde afirmativamente. No mesmo instante chama a filha e pergunta-lhe se é do seu desejo noivar com o pedinte. Obtendo respostas afirmativa o solicitante coloca a aliança no dedo da noiva e ela, por sua vez, coloca, também, no do noivo, As alianças são de ouro.

Alguns pares, imediatamente, marcam a data para o casamento, outros não.

As épocas de noivado mais comuns, na comunidade brusquense, são Natal e Páscoa. Entretanto, quem escolhe a data é o noivo e, muitas vêzes, coincide com o aniversário da noiva.

Os noivados, em geral, são comemorados, intimamente, na casa da noiva, onde comparecem pessoas das relações de ambos os contratantes. Há, nessa ocasião, doces e bebidas.

É costume, também, que, nos dias subsequentes, os noivos visitem os parentes, participando-lhes o acontecimento.

Há distinção entre a cerimônia do casamento na zona rural e na urbana.

Na zona rural, e, antes, na citadina, a festa do casamento tinha início com o "Polterabend" ou seja "a noite do barulho".

Na véspera do casamento, para a casa da noiva dirigiam-se, parentes e amigos, com panelas velhas, garrafas quebradas e cacos de várias espécies e os atiravam contra a porta. Eram, no sentimento popular e tradicional, o símbolo dos votos de felicidades!!!

Depois desta manifestação continuava o barulho por outro modo, com cervejas, vinhos, doces e dansas.

Deve-se, neste ensejo, esclarecer que, a princípio, como aconteceu ainda hoje, em muitas localidades, a cerimônia religiosa tinha lugar no início da missa, o que, entretanto, motivado, em parte, por razões econômicas, e, de outro lado, pelo contato com os costumes dos centros maiores, os enlaces matrimoniais passaram a Ter lugar à tarde, e, preferentemente, nos sábados.

Na comunidade brusquense o índice matrimonial é quase nulo no período da quaresma e no mês de agosto; quanto ao primeiro, por não conceder a Igreja a benção nupcial e por ser época em que não se dança, e, quanto ao segundo, por rezar a crença popular que o "mês de agosto é mês de desgosto".

Os casamentos da zona rural obedecem, "mutatis mutandi", este cerimonial:

A noiva, de véu, grinalda e vestido branco e o noivo com terno preto, gravata "borboleta" e flôr de laranjeira na lapela do paletó.

O cortejo nupcial é formado por "carros de mola" (nome local das "charretes" de quatro rodas, com tolda fixa, sôbre carroceria de molejo e puxados por uma parrelha de cavalos). Tanto os veículos como os cavalos são ornados festiva e alacrememente, com tiras de papel crepon, folhas de palmeiras e flores.

Os encostos do veículo são forrados com os "panos de parede", aos quais, em outro capítulo nos reportaremos, além de serem postos almofadas e outros aparatos visando dar maior destaque ao acontecimento.

Os acompanhantes masculinos enfeitam, também, a lapela com flores ou colocam penas de aves tingidas, no chapéu.

No cortejo nupcial a noiva ocupa, na ida para a Igreja, o primeiro carro e o noivo último.

Nêsse préstito não falta o sanfoneiro (tocador de gaita de mão ou "stradella") e, tão pouco, o espoucar, contínuo e ensurdecer, dos foguetes.

Após o enlace, quer a cerimônia civil, quer a religiosa, os noivos tiram a indispensável fotografia.

E, após o enlace, juntos, no primeiro carro, retornam os noivos com o sanfoneiro na boléia. E, nessa ocasião, recrudescer o foguetório. O destino é a casa dos pais da noiva, onde têm lugar as festividades.

No momento da chegada, não raro, uma menina declama com entusiasmo e sofreguidão, uma poesia ou lê um discurso apropriado e a noiva não pode, então, deixar de dar demonstrações de sentimento com uma furtiva lágrima. . .

Os presentes recebidos são com destino ao novo lar em formação: utensílios de copa e cozinha, objetos de cama e mesa, e algum adorno.

Os parentes e convidados passam o dia todo na festa do casamento.

Ao meio dia, um grande banquete e abundante, e daí, em diante, não cessavam os comes e bebes.

Entre outros pratos, são de praxe: salada de batatas, pepinos e palmitos, sopa de galinha, assados de carne de porco e de vaca, galinhas assadas, salsicha com "chucrute", pirão de batata, aipim cozido, macarrão, "meeretich" (saramago). E os doces? Não faltam os pudins de leite, de ameixas, de laranja queimada, de côco e as conservas de frutas.

E, pela tarde a fora, come-se nas mesas de doces e de "kuchen".

Tudo isto regado à cerveja e a vinho em torrentes. . . engarrafadas.

Coroando tudo não falta o baile, ao som da sanfona, onde se dança valsa, marchinha, "schottish", "galop", polka, mazurka, dança da vassoura e outras modalidades.

E, ainda, há a "dansa da noiva", usual em muitas famílias, à meia-noite é um velho costume pomerano, que em certa oportunidade esclarecemos in "Alguns Comentários", Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, n.º 11, março de 1952, pags. 72 e 73.

Consiste no seguinte: a noiva senta-se numa cadeira, no meio da sala. Os pares dançam ao seu redor e os homens que quiserem dançar com a noiva pagam o seu óbulo numa bandeja que fica numa cadeira ao lado. É uma forma de iniciar um pecúlio . . .

À meia-noite, também, junta-se um grupo de cantores, que cantam.

- Wie winden dir den Jungfernkrans mit veilchenblauer Seide;
Wir fuehren dich zu Spiel und Tans, zu Glueck und Liebesfreude.
Schoener, gruener, Jungfernkranz.
- Lavendel, Myrt'und Thymian, das waechst in meinen Garten;
Wie lang'bleibt doch der Freiersmann? Ich kann es Kaum erwarten.
Schoener, gruener, Jungfernkranz.
- Sie hat gesponnen sieben Jahr den golden Flachs am Rocken;
Die Schleier sind wie Spinnweb'klar und gruen der Kranz der Locken.
Schoener, gruener, Jungfernkranz.

- Und als der schmucke Freier kam, war'n sieben Jahr verronnen;
Und weil er die Herzliebste nahm, hat sie den Kranz genommen.
Schoener, gruener, Jungfernkranz.

Destas canções, é esta a tradução:

- Nós tecemos a coroa de virgem com seda azul violeta,
Nós te introduzimos na brincadeira e na dança para felicidade e prazer do amor.
Bela, verde, grinalda de virgem.
- Lavanda, Mirta, e Thymian, isto cresce no meu jardim;
Quanto tempo demora o pretendente ao casamento.
Quase não posso esperar.
- Ela teceu sete anos o linho dourado na roca;
Os véus são como teia de aranha;
diáfana e verde a grinalda para os cabelos.
Bela, verde, grinalda de virgem.
- Quando chegou o desempenado noivo,
Sete anos haviam passado e como êle recebeu
a amada do coração, ela retirou a grinalda.
Bela, verde, grinalda de virgem.

Findo os cantos tiram, os próprios cantores, o véu e a grinalda da cabeça da noiva.

Em outras famílias é costume a noiva entregar o seu véu às moças presentes que o rasgam em pedaços e os guardam, como talismã para a conquista de um futuro marido.

Em algumas casas, entretanto, encontra-se um escrínio retangular, suspenso numa das paredes da peça principal da casa, contendo o véu e a grinalda de casamento de uma . . . hoje avôzinha! É uma recordação de um dia cheio de enlêvo e de interrogação!!!

Na zona urbana, os costumes, sofrendo as influências das grandes metrópoles, tendem à uma simplificação metodizada. As cerimônias religiosas e civis obedecem a um figuro único, mudam apenas os personagens.

Após os atos públicos têm lugar as festividades, que se efetuam ou na casa da noiva ou num salão de clube, alugado para êsse fim. Em geral, essas festas constam de uma grande refeição, com abundância de comidas e bebidas e de um baile.

E, vinte e cinco ou cinquenta anos depois como será?

Hoje, as comemorações das bodas de ouro ou de prata variam de acôrdo com o interesse ou com as posses de quem as vai festejar.

Regra geral constam de missa votiva, almoço ou jantar para os familiares íntimos e um baile.

Essas comemorações têm caráter mais geral e familiar, do que particular do casal só jubilar. São formuladas pelos parentes e amigos e não só pelos jubilares, aos quais são oferecidas lembranças e ornamentos alusivos à data, e, portanto, em prata ou em ouro.

À Noiva dá-se uma coroa metálica prateada ou dourada.

E, afinal, umas observações sôbre o compadrio na comunidade brusquense.

Dada a personalidade da comunidade encontra-se num sentido muito amplo de solidariedade, e, ao mesmo tempo, muito íntimo. Há o sentido de família, há o sentido de união comunitária e não o sentido de patriarcalismo, paternalismo. Daí, não havendo obtido nos nossos contatos com várias classes sociais qualquer indício de que o compadrio se processe no sentido patriarcal, mas efetivamente, no sentido democrático da liberdade individual e do agrupamento familiar.

Folclore de Brusque, autor Walter F. Piazza, publicado em 1960, Edição Soc. Amigos de Brusque, páginas 190 e 196



Familia Mosimam

Brusque-SC, 18 de novembro de 1999.

À

Sociedade Amigos de Brusque
Museu e Arquivo Histórico do Vale do Itajaí Mirim
A/C: Otto Kuchenbecker

Não poderia deixar de escrever agradecendo e falando sobre a importância do Museu e Arquivo Histórico do Vale do Itajaí Mirim para a pesquisa histórica no município e regional.

Durante este ano compareci algumas vezes no Arquivo em busca de material para a pesquisa que estou fazendo sobre o integralismo. Todas as vezes fui muito bem recebido, e todo o material do acervo me foi colocado a disposição, bem como fui auxiliado durante a pesquisa.

Graças a tenacidade de seu fundador, o Sr. Ayres Gevaerd, e das pessoas que hoje trabalham para manter funcionando este Museu e Arquivo me foi possível, como tem sido para muitas pessoas, realizar suas pesquisas, amparados de enorme quantidade e diversidade de material ali disponível.

Penso que deve-se empreender um trabalho de maior divulgação do Museu e Arquivo Histórico do Vale do Itajaí Mirim, no sentido de atingir um maior número de pessoas para estas virem usufruir deste acervo.

As escolas locais, bem como a comunidade em geral podem e devem participar de alguma forma neste trabalho. Há muito que se fazer em prol do Museu e Arquivo, principalmente no que diz respeito a catalogação e arquivamento do material iconográficos e obras diversas. Para tanto seria necessário um maior investimento em pessoal para auxiliar o Sr. Otto em suas tarefas, que sabe-se, não são poucas.

Deixo aqui o meu muito obrigado ao Sr. Otto pela enorme ajuda a mim dispensada e pelas valiosas horas de conversas que tivemos neste período. Seu trabalho e conhecimento sem dúvida são ímpar. Registro também o desejo de poder auxiliar e colaborar de alguma forma com a Sociedade Amigos de Brusque.

Honório Bertolini
Historiador e Pesquisador

Ata do Traslado dos restos mortais do Conselheiro Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque, para o jardim da casa de Brusque, ocorrido no dia 4 de Agosto de 1998, às 17,00 horas, com grande acompanhamento de populares, Polícia Militar, Exército Nacional representado pela Corporação do Tiro de Guerra - 105, Batalhão do Corpo de Bombeiros, representantes dos poderes Executivo, Legislativo, Judiciário, Imprensa chegaram até o Mausoléu devidamente construído para receber a urna vinda de Pelotas-RS., com grande pompa. Antes porém, às 16,00 horas foi realizado um Culto Ecumênico em memória do Conselheiro Araújo Brusque-na Igreja Matriz Católica. Para constar na História de Brusque, o evento de tão grande significado, tanto para os ilustres familiares descendentes da estirpe Brusque e toda população brusquense, fizemos o registro dos fatos inerentes a nossa história. A cerimônia iniciou com a saudação honrosa do Corpo da Guarda da Polícia Militar, ao som do toque de Silêncio, sem dúvida um marco que jamais será esquecido pôr aqueles que puderam participar e vislumbrar este momento cívico, acompanhado pela Banda Araújo Brusque. Após depositar a urna no Mausoléu O excelentíssimo Sr. Prefeito Hylário Zen, acompanhado pelo Presidente da S.A.B. Dr. Antônio Cervi depositaram uma coroa de Flores sobre o jazigo. Em seguida foi encerrada a solenidade.

Brusque, 4 de agosto de 1998

Otto Kuchembecker - secretário de expediente.

Inauguração Galeria dos Sócios Fundadores

A Inauguração da galeria dos sócios fundadores da Sociedade Amigos de Brusque, constou da programação oficial do município dos festejos da Semana de Brusque. A presente INAUGURAÇÃO estava marcada para às 19 horas do dia 7 de Agosto de 1999, em sua sede, sita à Avenida Otto Renaux, 285. Antes porém, convites foram expedidos a todos os sócios e familiares dos sócios fundadores, para que pudessem presenciarem e participarem desta magnífica solenidade. Ao iniciar a coleta das fotografias, verificamos as existentes em nosso acervo, constatamos que fotos individuais encontramos poucas; enviamos correspondências aos familiares, solicitando a sua colaboração no que a maioria acenou favoravelmente, mas de pessoas que tiveram curta passagem por Brusque foi difícil de encontrar. A mais difícil e que não era mais lembrada pelos sócios fundadores remanescentes, custou horas de buscas, até que foi possível localizar o Sr. Brenneisen. Certo dia tomei as listas telefônicas de Santa Catarina, dando início pela lista telefônica que levava a letra "A", percorrendo até I, nada encontrando, pensei em desistir, pois poderia ter sido transferido para outro estado, mas, olhando então para a letra J, disse comigo mesmo, farei mais esta tentativa, se não encontrá-lo, desistirei. Qual não foi a grande surpresa? O nome tanto procurado foi encontrado na cidade de Joinville, apanhei o telefone, disquei o número indicado na lista, dialoguei através do telefone com um cidadão que por volta de 1953 servia em Brusque e que fez parte dos sócios fundadores, o Sr. André Brenneisen, ao ser convidado a participar da solenidade da inauguração, durante os festejos da cidade de Brusque, indagou-me se isto seria à noite? Ao que respondi provavelmente sim, falou-me o venerando senhor - será difícil para mim com os meus 93 anos de vida, que pesam sobre os meus ombros. Congratulei-o por pertencer aos integrantes dos fundadores da Sociedade amigos de Brusque. Solicitei-lhe uma fotografia para o evento, ao que prontamente atendeu, enviando-nos a mesma em poucos dias, pelo que também agradecemos. Após comentarmos como ocorreu a busca das fotografias dos estimados Sócios Fundadores, continuamos a descrever o acontecimento da Solenidade: Na oportunidade o Museu do Vale Itajaí Mirim, recebeu em sua casa sede sócios fundadores, sócios amigos da Sociedade, autoridades e convidados em geral. O Sr. Reinaldo Cordeiro secretário do Gabinete do Exmo. Sr. Prefeito Municipal Hylário Zen, abriu a Solenidade, depois passou a palavra ao Sr. Antônio Cervi Digno Presidente da Sociedade Amigos de Brusque, o qual em pronunciamento ressaltou um pouco sobre a história e a finalidade da Sociedade Amigos de Brusque. Assim em noite memorável, muitos brusquenses tiveram a oportunidade de participarem da Solenidade de Inauguração da Galeria dos Sócios Fundadores e conhecerem pessoalmente o acervo histórico do Museu do Vale do Itajaí Mirim. Para o descerramento da fita inaugural foram convidados pelo Sr. Presidente, os Sócios remanescentes presentes à solenidade, senhores Pe. Dorvalino Eloy Koch (SCJ), Armando Polli e Arthur Appel. Na oportunidade recebemos as seguintes manifestações de sócios remanescentes que passamos a transcrever: Senhor Presidente, sensibilizado, agradeço atencioso convite para participar da

solenidade de inauguração da Galeria dos sócios fundadores dessa Sociedade no dia 7 do corrente. Infelizmente não poderei estar presente, mas envio aqui os meus cumprimentos à Diretoria por essa iniciativa. Atenciosamente - Florianópolis 1/8/1999. Ass. Remaclo Fischer. Segue telegrama recebido: Agradecendo sensibilizado convite recebido assistir solenidade inauguração Galeria de fotografias sócios fundadores Casa de Brusque, sinto estar impossibilitado comparecer Cordialmente Arno Ristow. Assim damos por encerrada a ata da inauguração Galeria Sócios Fundadores.

Brusque, agosto de 1999.

Otto Kuchenbecker - Sec. de expediente

Visitas recebidas durante o ano de 1999

A visitação ao Museu Histórico do Itajaí-Mirim, tem sido excelente durante o exercício de 1999, a Casa recebeu 1442 pessoas, que fizeram seu registro, pois muitas deixaram de fazê-lo, das quais os estudantes foram a maioria, seguido de professores, escritores, comitiva da embaixada polonesa em comemoração aos 130 anos da imigração em 1869. Sendo que a comitiva polonesa veio certificar-se do conteúdo do Museu, em relação aos seus antepassados e assim passar adiante parte de sua história a sua posteridade. Temos recebido inúmeras manifestações elogiosas pelo acervo cultural e histórico existente e disponível a população brusquense e a todos que dele quiserem usufruir. Os fascículos apresentados pela imprensa durante o ano de 1999 sobre a história da nossa cidade, seu povo e também do Museu Histórico ultrapassou em muito as fronteiras do Município e do nosso Estado, estão sendo encadernados e serão incorporados ao nosso acervo. A procura de informações de familiares dos pioneiros é constante, mas também devemos dizer, que nem todas as informações procuradas foram encontradas. Mas no correr deste ano, o Museu foi enriquecido com diversas doações, no mês de agosto recebemos do Conselheiro da Sociedade Dr. Paulo Renaux duas fotos ampliadas de Brusque, datadas de 1926; com a fotografia do flagrante do historiador Oswaldo R. Cabral apresentando os originais do seu livro "Brusque-História de uma Colônia no Tempo do Império", ladeado pelo Dr. Ingo A. Renaux, escritor Walter Piazza, historiador Ayres Gevaerd presidente SAB., ex-prefeito Ciro Gevaerd e o jornalista Wilson Santos, membros da comissão central do Centenário de Brusque, datado em fevereiro de 1960 e ainda recebemos o Livro Andanças "Cronicas" ambos do jornalista Wilson Santos. Segue o livro Ecos e Sombras, lançado durante o exercício de 1999 pelo autor Prof. Marlus Niebuhr e da escritora Maria do C.R.K. Krieger Goulart recebemos o livro Anotações de uma imigrante polonesa e o Álbum da família Ramos. Recebemos das mãos do Dr. João Alfredo Medeiros Vieira, o livro Notas sobre a História da Filosofia em Santa Catarina e também o Folheto - A Prece de um Juiz de sua autoria. Do Engenheiro, escritor Carlos João Mosimann recebemos o histórico "Os Pioneiros" de (Brusque). Após relatarmos um breve histórico do Museu, queremos expressar nossos agradecimentos a todos que nos prestigiaram com a sua visita, na busca de informações e conhecimentos da nossa história. E para finalizar, a Diretoria deseja manifestar o seu reconhecimento e gratidão a todos, que colaboraram, prestigiaram e contribuíram durante o exercício de 1999 com a nossa Sociedade.

Brusque, Junho de 2000-06-08

A DIRETORIA

HISTÓRICO DO MUSEU

MUSEU HISTÓRICO do Vale do Itajaí Mirim, fundado pela Sociedade Amigos de Brusque, cuja galeria dos Sócios Fundadores foi inaugurada dia sete (7) de agosto de 1999. A Sociedade civil conta atualmente com 120 sócios contribuintes, cuja contribuição é de R\$ 50,00 reais ano.

Queremos apresentar alguns números do exercício findo e também do passado da Casa de Brusque, como segue: a casa recebeu 1318 visitas durante o ano 2000, mais aqueles que deixaram de registrar a sua presença, o que também acontece. As visitas que afluíram durante o ano passado ao Museu, foram oriundas de diversas localidades que passo a enumerar - Brusque, Guabiruba, Nova Trento, Itajaí, Bal. Camboriú, Rodeio, Tijucas, Indaial, Joinville, S. João Batista, Gaspar, Criciúma, Urubici e Florianópolis de Santa Catarina, Carazinho, Passo Fundo e Porto Alegre do Rio G. do Sul, Curitiba do Paraná, de São Paulo, SP., T. da Serra do Mato Grosso, de Weihner, e Hambrücken da Alemanha e de Udene da Itália.

As visitas em grande número eram estudantes do Vale do Itajaí - Mirim, que freqüentam as escolas, acompanhados de seus professores, acolhemos também estudantes da FEBE, grupo de escoteiros de Brusque, arquivistas de bibliotecas, pessoas especializadas em técnica de restauração de documentos, mas também recebemos colonistas da imprensa falada, escrita e televisada. Outros vieram em busca de informações sobre seus antepassados, para obterem a 2ª cidadania ou para formarem a árvore genealógica de seus familiares.

Portanto, a procura dos visitantes são de origens diversificadas, alguns vem enriquecer seus próprios conhecimentos sobre a sua origem, a sua história, outros o fazem como tarefas escolares e ainda outros para divulgar a nossa história através dos meios de comunicação. Gostaríamos de acrescentar que o MUSEU está à disposição da população de Brusque e de toda circunvizinhança, onde teremos a alegria de atendê-los com toda presteza.

O nosso intuito, é, divulgar a CASA de BRUSQUE cada vez mais e ao mesmo tempo sensibilizar a nossa população a cooperarem com doações de fotografias antigas ou novas, literatura, ou documentos que possam enriquecer ainda mais o imenso acervo da Sociedade Amigos de Brusque, para pesquisas e para que o povo de Brusque venha conhecer melhor a sua história. Contamos com a compreensão e a colaboração, assim sendo, antecipadamente manifestamos a nossa gratidão a todos que nos tem prestigiado com qualquer auxílio, com a sua visita, com pesquisas, exposições e publicações efetuadas, promovendo assim a nossa entidade. Convidamos igualmente a todos aqueles, que ainda não estão inscritos em nosso Quadro Social e queiram participar da Sociedade Amigos de Brusque, a se inscreverem como sócios, ligando para o Telefone: 351-2132. Às terça-feiras à tarde, quartas e quintas-feiras de manhã para maiores esclarecimentos. Ou Visite-nos nos dias indicados, Avenida Otto Renaux-285.

Número de visitas em 1997 = 541 / Número de visitas em 1998 = 855

Número de visitas em 1999 = 1442 / Número de visitas em 2000 = 1318

A DIRETORIA
Brusque, fevereiro de 2001

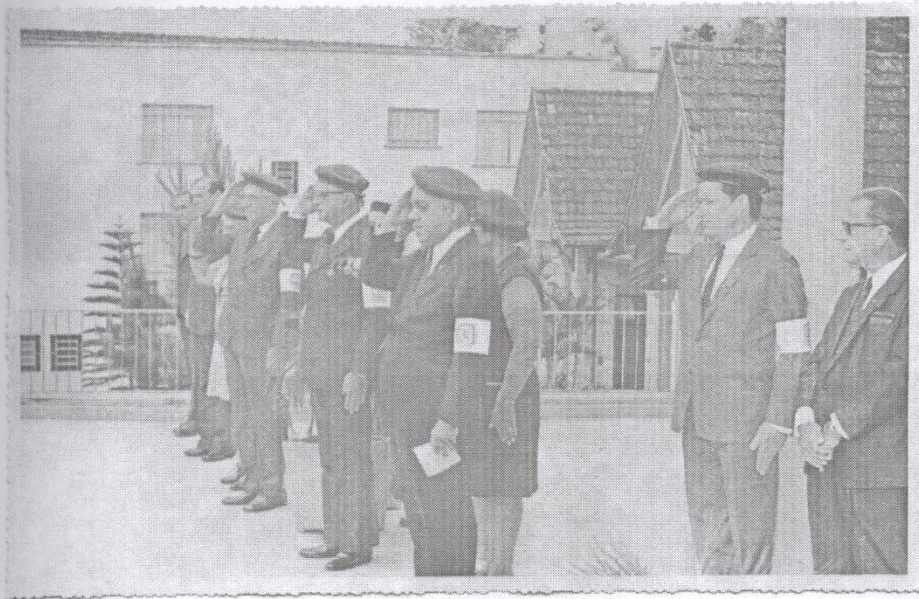
Brusque, 23 de março de 2001

Ata da solenidade dos 120 anos de emancipação

Com horário previsto para as 16:00 horas estava marcada a cerimônia da homenagem ao Conselheiro Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque, nas dependências da Sociedade Amigos de Brusque. Sendo mestre de cerimônia o Secretário de comunicação Sr. Paulo Portalette. Após a execução da música do Centenário de Brusque, o Sr. Paulo Wendelino Kons discursou, falando sobre o evento, saudou as autoridades, a diretoria da S.A.B., professores, alunos e populares que acompanharam a cerimônia. Em seguida foi convidado o Exmo. Sr. Ciro M. Roza M.D. Prefeito Municipal, para fazer o seu pronunciamento, saudando as autoridades, mencionando também os alunos do Colégio Araújo Brusque, estes especialmente convidados e demais senhoras e senhores presentes. Sua Excia. em eloqüente discurso, fez menção da sua administração e que realizará tudo que estiver ao seu alcance para o desenvolvimento e o crescimento de Brusque. Em continuidade a programação, foi convidado Sua Excia. Dr. Paulo Roberto Bauer M.D. Governador em exercício, após saudar aos presentes, enalteceu o Ex-Deputado Sr. Ciro Roza pelo brilhante trabalho na Assembléia e com certeza uma ótima administração em Brusque, para a alegria do povo brusquense. Ao encerrar seu pronunciamento, o Sr. Governador e o Sr. Prefeito Municipal de Brusque colocaram uma coroa de flores sobre o Mausoléu do Dr. Araújo Brusque. A solenidade culminou com a entrega de um Livro de Brusque, outro da Colonização Alemã e um exemplar do Nacionalismo e identidade étnica, sendo os dois últimos editados pela escritora brusquense Giralda Seiferdh pelo Dr. Antônio Cervi presidente da S.A.B.. Participaram desta solenidade, alguns sócios fundadores da Sociedade, o Dr. Carlos Moritz, Pe. Dorvalino Elóy Koch, scj., e o Sr. Arthur Appel. Queremos deixar registrados outros nomes que prestigiaram a solenidade como segue: Dr. Dagomar Carneiro v.pref. Ivan Martins vereador, Delegado Dr. Moacir B. Archer, Juíz Dr. José Carlos Carstens Kohler, Secretário Desenv. Econômico e turismo Sr. João Beuting, Major Alberto Mafra, Secretário de Educação, Secretário da Juventude, Cultura e esportes, Secretário de obras Dr. Roberto Ricardo dos Santos, Dr. Paulo Webster Secr. da saúde, Dr. Werner Willrich presidente da ACIBR. e o Diretor do Senac Sr. José Carlos Theis. Obs.: 22 pessoas assinaram o livro de presença, mas estimamos que aproximadamente 70 pessoas prestigiaram o ato.

Força Expedicionária Brasileira

Fotos relembrando o passado daqueles que foram servir além mar. Entregaram seus arquivos históricos à Casa de Brusque, como: fotos 82 revistas do exército e vasta literatura, que descrevem o dia a dia do período em que estavam ocupando espaço na Itália, 1944/1945.





Fotos Antigas



Festa no Caça e Tiro Araújo Brusque em 1941,
a mesma sociedade completou 135 anos dia 14/07/2001



RECORDAR
FAZ
VIVER



Anos 1940-1950
Festa Junina na Sociedade Bandeirante